



MUNDO VIRTUAL

# TUDO FEITO PELA TELA

AS VIDEOCONFERÊNCIAS CRESCEM EM TODO O MUNDO E SÃO USADAS DA DEGUSTAÇÃO DE VINHOS À ANÁLISE DA TRAMA DE TECIDOS



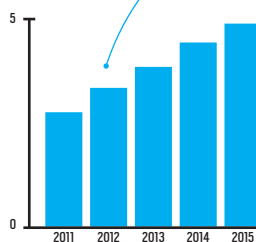
A imagem acima mostra Luciana Salton, da vinícola que leva seu nome (e teve vendas de R\$ 307 milhões em 2014), em uma cena que se tornou comum na empresa: as degustações de vinho feitas por videoconferência. “Com essas imagens, nós conseguimos analisar a cor do vinho e até a forma como ele ‘lacrimeja’ no copo”, diz a executiva. Isso é resultado do aprimoramento da tecnologia nos últimos anos. Ela avança e, paralelamente, os preços caem. “Cinco anos atrás, um link de 1

Megabyte (MB) saía por R\$ 5 mil ao mês e funcionava mal. Hoje, é possível fazer uma transmissão melhor com um link com a metade da capacidade e por R\$ 1,5 mil ao mês”, diz Rubens Martins, da ES Tech, que presta serviço à vinícola gaúcha. Ou seja, paga-se um terço do valor por um serviço com mais qualidade. A InBrands, dona de marcas de roupas como Richards, Ellus e VR, tem feito, no Brasil, testes

de tecido chineses pela telinha. “A resolução atual dos vídeos permite analisar a trama do produto, sem a necessidade de ter uma amostra nas mãos”, diz Martins. Para o futuro, também há grande expectativa de inovações nesse campo. Elas serão puxadas por

**Degustação pela TV, com Luciana Salton (acima, à esq.) e grupo ligado à vinícola**

carros conectados à internet, imagens feitas por drones e pelas tecnologias de vestir – todas elas adequadas para dar suporte a serviços que usam vídeo.



**O mercado de videoconferências atingirá US\$ 5 bilhões este ano (Fonte: Frost & Sullivan)**

PELO CELULAR

# UM DOUTOR SMARTPHONE

São grandes – e reconhecidas – as possibilidades do uso de aparelhos eletrônicos no controle da saúde das pessoas. O difícil é transformar esse potencial em algo prático, um produto útil e simples de usar. Esse é o objetivo de um sistema desenvolvido em parceria pelas universidades de São Paulo (USP), Federal de São Carlos (UFSCAR) e do Arizona, nos Estados Unidos. A ideia é fazer com que um smartphone se transforme em uma espécie de doutor digital. Ao teclar uma mensagem (no WhatsApp, por exemplo), a câmera do aparelho avalia as emoções no rosto do usuário (veja ao lado). Quando a pessoa fala, a análise da voz capta eventuais sinais de nervosismo. Com um smartwatch (os relógios integrados aos celulares), o diagnóstico pode incluir fatores como o ritmo cardíaco e a temperatura corporal. “O resultado seria um aplicativo”, diz Jô Ueyama, da USP. “Entre outras coisas, ajudaria a prevenir doenças ligadas ao estresse.” O app pode estar nas ruas em dois anos.

